

# A escola e a barricada

---

## Marianne Enckell

A maioria do público vem para os depósitos de arquivos por apenas duas razões: para verificar as relações familiares, no Registro Nacional, e para verificar a propriedade no Registro Cadastral. Somente esses arquivos parecem ter importância considerável na vida da maior parte das pessoas. A prova disso reside no fato de que, durante motins ou revoluções, uma das ações mais urgentes dos revolucionários é ir para os arquivos e queimar os títulos de propriedade. Quase se poderia acreditar que a maioria das pessoas nunca vai aos arquivos, exceto durante as revoluções.

(Melot, 1986)

Na Argentina, a tradição de Bibliotecas Populares tem sido mantida desde o início do século XX por anarquistas. Há uma em cada cidade, em cada local de trabalho. Às vezes elas carregam os nomes dos grandes ancestrais; por vezes simplesmente o nome de uma rua ou personalidade local.

Em Buenos Aires, por exemplo, a Biblioteca Popular José Ingenieros tem oferecido por sessenta anos, tanto para estudantes como para trabalhadores, livros, romances, enciclopédias e obras gerais, além de suas duas salas de arquivo dedicadas aos documentos anarquistas. Torna-se um cineclube nas tardes de domingo, reuniões são realizadas à noite; e pode-se até mesmo fazer um churrasco no pátio. Ela foi frequentemente forçada a fechar, esconder-se atrás de uma fachada neutra, a mudar de repente, e resistir a investidas. Se hoje alguns trabalhadores contam a sua história, é porque ela, no entanto, resistiu.

(Francomano, 1995).

Todas essas bibliotecas são propriedade coletiva do movimento, mantidas por voluntários, abertas à cidade, para as pessoas da vizinhança; não são de forma alguma guetos. Algumas delas são apoiadas por organizações como *La Federación Obrera Regional Argentina* (Federação Operária Regional da Argentina) ou *La Federación Libertaria Argentina* (Federação Libertária Argentina); outras são apoiadas por um grupo informal. Muitas sobreviveram, apesar da fraqueza do movimento, mesmo quando ditadores as forçaram à clandestinidade. E quando foi necessário mudar às pressas, todos os sindicatos deram uma mão ou ajudaram financeiramente.

A *Biblioteca Juventud Moderna* (Biblioteca Juventude Moderna), em Mar del Plata, foi fundada em novembro de 1911. O ativista veterano Hector Woollands recorda que ela preencheu “uma dupla função: a de uma escola, que oferecia um elevado nível de informação, e a de uma barricada, o lugar onde os sindicatos poderiam elaborar seus planos de ação direta” (*La Razón*, 1996)<sup>1</sup>.

1 A “barricada”, usada no título e no corpo deste artigo, refere-se ao funcionamento da biblioteca para proteger seu acervo, e, portanto, a memória do movimento e suas estratégias (Marianne Enckell, nota de esclarecimento a R.B., outubro de 2009)

Escolas e barricadas: que melhor maneira de descrever o trabalho que as bibliotecas e centros de documentação anarquistas de todo o mundo desejam fazer? Não é uma questão de arquivar a memória do movimento, a fim de fixá-lo num lugar; é uma questão de manter a nossa história viva e subversiva, de afirmar a existência de anarquistas (“Não há nem mesmo uma centena deles ...”)<sup>2</sup> e de sua diversidade contra a asfixia por aqueles que estão no poder. História com “H” maiúsculo que reduz alegremente a vida, as ideias e as experiências perturbadoras em anedotas e contos (Escudero, 1996).

“Por meio da reativação de seu passado, o anarquismo pode se reapropriar de sua cultura. A atividade desse renascimento implica, constitui em si mesma um agente revigorante da vida cultural. O objetivo da operação, obviamente, não é sermos capazes de empacotar um conhecimento livresco dos nossos antecedentes. É mais uma questão de conhecer a nós mesmos, de restaurar em nosso campo de conhecimento a coragem, os sonhos e as ideias que fizeram o anarquismo uma realidade histórica. Um passado ativo é um passado mobilizado por e para uma atividade presente. Não é só fazer

2 “Y en a pas un sur cent...” Uma alusão ao poema “Les Anarchistes” por Leo Ferre. O poema pode ser acessado em <http://musique.ados.fr/Leo-Ferre/Les-Anarchistes-t48233.html> [nota do tradutor inglês]

a genealogia para se divertir. O interesse está em redescobrir o que está implícito em nossa posição, e o que nos une. A busca da unidade vai além da busca por nossa origem. Este é apenas um dos aspectos do trabalho da fundação, que para nós acontece no presente. Nossa leitura do passado, portanto, também dependerá da coerência que traremos para as nossas ideias atuais; cada um destes dois esforços de estruturação continuamente nos referirá de volta ao outro” (Furth, 1973).

Os anarquistas sempre foram leitores; cada grupo publica um artigo,

brochuras, estabelece uma biblioteca. Leituras formam seu julgamento, promovem sua autonomia, servem como base para a discussão. (Nosso amigo André Bösiger, que deixou a escola aos 13 anos de idade e que cumpriu uma longa pena de prisão por se recusar a servir no exército suíço, disse: “Dois anos de prisão é um longo tempo? Bem, eu precisaria de mais dois anos para terminar tudo o que eu tinha para ler!”).

Para esses grupos e seus ativistas, a circulação de panfletos é infinitamente mais importante do que a sua preser-



*Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri, Guarujá (São Paulo).*

vação - daí a dificuldade da tarefa de arquivamento e catalogação. Durante períodos de intensa atividade militante, propositadamente ignoram-se direitos autorais ou retornam-se livros à biblioteca do grupo; ridiculariza-se o calendário e os números ordinais, distribuem-se panfletos e jornais até a última cópia, se possível. Quando a atividade declina, o estoque não vendido pode permanecer, mas restaurar o funcionamento completo de um periódico importante é o trabalho de pessoas altamente atarefadas.

Faz um século desde que Élisée Reclus, no prefácio à *Bibliographie d'la Anarchie* editada por Max Nettlau, disse:

Eu juro que eu nunca conheci tais riquezas: a importância desta coleção ainda incompleta surpreendeu-me muito. As ideias anarquistas, conscientemente desenvolvidas na sua forma atual, são de tal origem recente que se pode facilmente imaginá-las ainda existindo em um período rudimentar de propaganda. Sem dúvida, a grande maioria dos documentos citados nesta coleção está destinada a desaparecer, e quase não merece ser preservada, mas algumas dessas obras certamente marcarão uma época na história do século XIX. De fato, tem sido muitas vezes difícil para os anarquistas dizerem o que eles acreditam ser a verdade, mas não se poderia acusá-los de

ter escondido a verdade. Nós a levantamos tão alto quanto nossas mãos podem chegar, e ninguém no mundo, quer nos ame ou nos odeie, pode fingir nos ignorar. (Reclus, 1897)

Nem tudo merece ser preservado? Arrisca-se muito na triagem do que vale ou não vale a pena salvar. Vamos evitar em todo caso a recolha de resíduos de papel e as formas de livreiros antiquários; vamos preferir trocas e doações. É necessário que bibliotecas e arquivos definam claramente os seus princípios e os seus limites, mas não é para nós, bibliotecários e arquivistas treinados no trabalho ou na escola, decidir o que tem valor ou não. Normalmente, uma biblioteca de um grupo local não necessariamente coletará todas as edições do panfleto de Kropotkin “Um apelo à juventude” ou “Fra Contadini” de Malatesta (*Entre Camponeses - Uma conversa entre dois trabalhadores*), dos quais existem diversas versões em dezenas de idiomas. Mas nos arquivos do movimento anarquista, será emocionante encontrar sinais de circulação, dedicatórias, ou selos de bibliotecas ou organizações na folha em branco. A história de uma obra impressa é parte da história do movimento.

Há, talvez, mais arquivistas de coração entre os anarquistas do que nas grandes instituições. A Biblioteca Pública de Nova Iorque, depois de colocar





*Centro de Cultura Social, São Paulo (SP).*

em microfilme a coleção de cartazes da Revolução Espanhola, que havia recebido, jogou fora os originais. Na Biblioteca Real da Bélgica, estes mesmos cartazes, que vieram das coleções de Hem Day<sup>3</sup>, estavam enrolados e guardados em um corredor, e acabaram como resíduos de papel. Das dezenas de cartazes que Hem Day trouxe da Espanha,

<sup>3</sup> Hem Day (1902-1969) foi um anarquista belga, livreiro e escritor [Nota dos tradutores].

apenas seis permanecem em formato pequeno no Munda-neum, em Mons. No CIRA (*Centro Internacional de Investigação sobre o Anarquismo*), temos cerca de cinquenta deles, trazidos pelo dirigente sindical Lucien Tronchet<sup>4</sup>, cuidadosamente montados sobre papelão resistente para circular e para servir em eventos de solidariedade espanholas por volta de 1936 ou 1937. Eles estão em estado impecável; as cores são tão vibrante como quando estavam nas paredes de Barcelona ou Valência. Na própria Espanha, a coleta e

catalogação dos cartazes republicanos continua até hoje.

Por mais difícil que seja completar essas coleções, no entanto, encontram-se tesouros da fidelidade à causa. Enquanto reformava uma casa para um cliente, Lucien Grelaud encontrou debaixo de uma tábua uma coleção

<sup>4</sup> Lucien Tronchet (1902-1982) foi um anarquista suíço, com destacada atuação sindical em seu país natal [Nota dos tradutores].

de jornais de Proudhon (de cerca de 1850), que ele depositou no CIRA. No Brasil, os arquivos de Edgar Leuenroth sobreviveram intactos à ditadura ao serem cimentados dentro de uma parede. Hoje pode-se identificar uma centena de jornais e boletins que apareceram na Espanha durante os dois anos após a morte de Franco, graças a Solon Amoros, que os datou e indicou sua proveniência. Sem ele, os documentos permaneceriam sem as datas e locais da sua publicação e, portanto, essencialmente ilegíveis.

Por quarenta anos, desde a sua fundação, as ambições da CIRA têm sido globais:

coletar a memória coletiva da anarquia, em todas as línguas, a partir dos primórdios até os sonhos do futuro... (declaração CIRA).

Os jovens leitores devem estar cientes de que este não era um momento auspicioso. Depois de um breve período de força imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, no auge da Guerra Fria, os anarquistas raramente apareceram em público. Alianças internacionais tiveram problemas para manter-se, e locais foram fechados. Grandes quantidades de coleções desapareceram durante os anos negros na Itália, Alemanha, Espanha e Portugal, apesar da imensa criatividade que al-

gumas pessoas exerceram para disfarçá-las e preservá-las.

Durante os anos 1950, quando o CIRA foi criado, as únicas publicações anarquistas ou libertárias foram produzidas por editoras libertárias. Elas foram valentes, com certeza, mas já não era a época quando *Temps Nouveaux* de Jean Grave publicou mais de 100.000 cópias de Kropotkin em poucos anos! Os primeiros livros de bolso apareceram no início dos anos sessenta, incluindo as obras de George Woodcock e James Joll na Inglaterra, e Daniel Guérin, na França, embora, obviamente, nada na Espanha ou em Portugal, e quase nada na Alemanha, onde apenas algumas páginas mimeografadas apareceram. Alguns trabalhos de qualidade apareceram na Itália, como *Volontà*, e poucos periódicos corajosamente sobreviveram, nomeadamente entre os exilados italianos, espanhóis ou falantes de língua iídiche<sup>5</sup>.

Dez anos depois, prosseguindo na onda de maio de 1968<sup>6</sup>, a anarquia invadiu as bibliotecas e universidades; novas obras e dezenas de novas edições disputavam a atenção. Fotocópias e pequenas edições off set a preços razoá-

5 Por exemplo, nos Estados Unidos, *L'Adunata dei Refrattari*, em italiano; *Fraye Arbeiter Shtime*, em iídiche; e todos os periódicos do movimento libertário espanhol no exílio.

6 Referência às revoltas estudantis em Paris [Nota do tradutor inglês].

veis permitiram às publicações proliferar em todos os gêneros. Viagens cada vez mais frequentes e estudos cada vez mais acessíveis moldaram a juventude do movimento e suas leituras. As empresas também entraram em cena: romances populares baratos e trabalhos de líderes anarquistas.

O significado e os limites da biblioteca começaram a se expandir.

Foi então que começamos a trabalhar dentro de uma rede. Existiam outras bibliotecas, mais antigas, que começaram a catalogar seus velhos fundos, e a publicar; novas bibliotecas e arquivos foram abertos em todos os lugares, especializados em narrar os acontecimentos em um período, país, grupo ou linguagem particular. Até mesmo os principais arquivos do movimento operário levaram a sério a nossa existência. E no CIRA, reconhecemos nossos limites: não eram apenas nossas prateleiras que não podiam mais conter a investida, eram também nossas conexões limitadas, as nossas dificuldades em gerir as transferências, indexar as obras, e responder criteriosamente a questões de referência.

Ao longo dos anos, surgiram instrumentos de trabalho de valor inestimável. Deixe-nos sublinhar a indexação dos primeiros volumes da “História do Anarquismo” de Max Nettlau, editada por Maria Hunink; o índice pioneiro da imprensa anarquista italiana, de Leo-

nardo Bettini, seguido por indexes ainda mais inclusivos, de René Bianco, na França, de Paco Madrid, na Espanha, e de Jocken Schmuck, Günter Hoerig e outros na Alemanha<sup>7</sup>; a coleção de todos os artigos de Kropotkin em todas as línguas possíveis, como um complemento para a bibliografia iniciada por Heinz Hug; o panfleto publicado pelo CIRA, “Anarchists on Screen”, na sequência das obras de Pietro Ferrua e complementado por Stuart Christie. E há mais - catálogos de fotos, cartazes e músicas em breve irão aparecer.

O CIRA, talvez um dos mais importantes centros a nível internacional - sem contar o *Instituto Internacional de História Social*, em Amsterdam - permanece generalista; mas somos capazes de, em caso de necessidade, encaminhar nossos usuários para outros centros ou outros pesquisadores mais especializados, ou dar o endereço do info-quiosque mais próximo nos quais

---

7 Hunink, Maria, (1972) in Max Nettlau, *Ergänzungsband*, Glashütt en iT., 1972. Leonardo Bettini, *Bibliografia dell'anarchismo*, 2 vols., Firenze, 1972, 1976. René Bianco, *Un siècle de presse anarchiste d'expression française*, 1880–1983; state doctoral thesis, Aix en Provence, 1987; <http://bianco.ficedl.info>, *Datenbank des deutschsprachigen Anarchismus: projekte.free.de*, Francisco Madrid Santos, *La prensa anarquista y anarcosindicalista en Espana desde la la Internacional hasta el final de la Guerra Civil*, thesis, Barcelona, 1988 (also online at [raforum.info?article2327&lang=fr](http://raforum.info?article2327&lang=fr)). Peter Kropotkin, *Bibliographie*, zus.gestellt von Heinz Hug, Grafenau und Bern, 1994; fotografias dos artigos estão preservadas e disponíveis no CIRA.





*Biblioteca Terra Livre, São Paulo (SP).*

panfletos e zines são facilmente acessíveis.

Em 1975 criamos a *Fédération Internationale des Centres d'Etude et de Documentation Libertaire* (Federação Internacional de Documentação e Estudos Libertários), ou FICEDL (ficedl.info). Para enriquecer a cultura do movimento, a nossa cultura, nós esperamos estabelecer o inventário mais abrangente possível de todos os locais notáveis, e ferramentas de propaganda, de escolas e de barricadas, e tornar tudo isso acessível aos investigadores, aos militantes, ou para os curiosos, para fa-

zer deles uma rede de trocas, um apoio aos grupos que estão se formando na Europa Oriental e em outros países, e para aprofundar os seus conhecimentos - tudo sob a denominação inteligente 'Anarquivos' [Anar-chives].

### **Trabalhos citados:**

Escudero, Isabel (1996) in CNT, Granada, May.

Francomano, Vicente (1995) Antonio López: *Biblioteca popular José Ingenieros, 1935-1995: apuntes para su historia*. Buenos Aires; and Eduardo Co-



lombo, in Bollettino Archivio Pinelli 4, Milan, 1994.

Furth, René (1973) in *Anarchisme et Non Violence* vol. 31, Paris.

La Razón (1996) Entrevista, Mar de Plata, 26 de janeiro. Hector Woollands morreu pouco antes que eu publicasse esse artigo pela primeira vez (*Refractions* 1, 1997).

Melot, Michel (1986). *L'Archive*, Traverse vol. 36, Paris.

Reclus, Elisée (1997) in Max Nettlau, *Bibliographie de l'anarchie*, Bruxelas e Paris.

Anarchists on Screen/Les anarchistes a l'écran, 1901–2003, CIRA Lausanne, 2004.

**Marianne Enckell** é arquivista, membro do CIRA (Centro Internacional de Investigações sobre Anarquismo) e do FICEDL (Federação dos Centros de Documentação Libertários) e historiadora. O texto apareceu pela primeira vez em *Progressive Librarian*, número 16, outono 1999. Revisado em 2009 por Marianne Enckell, com a ajuda de Robby Barnes e Sylvie Kashdan, e traduzido para o inglês por Douglas Cooke. Tradução em português por Clayton Peron e Eduardo Cunha. As imagens que ilustram este texto são fotografias de algumas bibliotecas e arquivos anarquistas presentes em São Paulo.